

A PALEOARTE COMO COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL PARA A POPULARIZAÇÃO DA HISTÓRIA NATURAL

Silva, F.C.¹; Gobbo-Rodrigues, S. R.²

¹Universidade Metodista de Piracicaba; ²Universidade Metodista de Piracicaba

RESUMO: A necessidade de representar visualmente organismos extintos surgiu associada à necessidade de divulgar à comunidade científica e comunidade em geral, não apenas sobre a morfologia, mas também sobre a aparência destes. Os atuais esforços da popularização da ciência em comunicar os resultados científicos e tecnológicos para além da academia em linguagem que alcance toda a sociedade, revelam a necessidade de discussões acerca da produção de representações visuais de organismos extintos enquanto comunicação não-verbal retórica. Os resultados da avaliação acerca deste tema revelam informações valiosas a serem consideradas: o pai da paleontologia, Georges Cuvier, foi o primeiro a utilizar a ilustração para inferir a forma viva de um animal extinto, também estabeleceu os princípios da anatomia comparada que possibilitam hipotetizar forma, função e comportamento mesmo quando o registro fóssil é incompleto. Com isto, metodologias acuradas foram desenvolvidas por artistas em parceria com paleontólogos para representar animais extintos. A visualização destes animais depende da arte, conseqüentemente artistas passaram a possuir um papel central na retratação do assunto da paleontologia. A comunicação não-verbal privilegiou esta ciência pois a imagem permite ao leigo ver aquilo que não conseguiria imaginar somente olhando para o registro fóssil. Em consequência disto, a popularidade da paleontologia se dá por seu apelo visual. Esta vantagem proveniente da eficiência da linguagem não-verbal, dá à paleontologia a capacidade de introduzir jovens e leigos na maneira como é feita ciência, apresentando conceitos importantes como evolução, biodiversidade, tempo geológico e extinção. Contudo, este potencial da linguagem não-verbal ainda é subestimado. A hiperespecialização das ciências levou ao estabelecimento de linguagens específicas que as afastam da cultura geral. A imagem trabalhada junto ao texto tem capacidade de simplificar o conhecimento construindo representações mentais novas e complexas através do uso de símbolos preexistentes no dicionário imagético popular. Os museus se mostram espaços capazes de operarem este potencial em difundir conhecimentos científicos ao público geral. A paleoarte carece de acurácia para que jamais comunique temas científicos de modo irresponsável e recreativo. É preciso que a história natural seja levada ao público através de procedimentos confiáveis, reconhecidos e aceitáveis. A divulgação dos procedimentos necessários à produção de representações visuais fiéis às evidências, promovem a difusão da paleontologia e da história natural e permite compartilhar como é possível propor tais figuras, revelando seu caráter de hipóteses sujeitas à refutação. Também revela a necessidade de compreender rigorosos requisitos relacionados principalmente à interpretação do fóssil, textos científicos e contexto geológico, princípios da anatomia comparada e biomecânica, comportamento animal, bem como a capacidade de produzir uma obra artisticamente convincente. No Brasil existem poucos estudos e relatos sobre estes processos. É preciso apresentar este domínio da proposição visual de animais extintos e os métodos nele empregados a fim de informar, formar e estimular artistas para desenvolver este trabalho, também informar paleontólogos, educadores e museólogos sobre a relevância deste material na popularização da história natural.

PALAVRAS-CHAVE: PALEOILUSTRAÇÃO, PALEOESCULTURA, REPRESENTAÇÃO